

pequeno manual anarquista individualista¹

émile armand*

I

Ser anarquista é negar a autoridade e rejeitar seu rolário econômico: a exploração. E isso em todos os domínios em que a atividade humana se exerça. O anarquista quer viver sem deuses nem mestres; sem patrões nem diretores; ilegal, sem leis nem preconceitos; amoral, sem obrigações e sem moral coletiva. Ele quer viver livremente, viver sua concepção pessoal da vida. Em seu foro íntimo, ele é sempre um anti-social, um refratário, alguém de fora, um a margem, um inadaptado. E ainda que seja obrigado a viver numa sociedade cuja constituição é re-

*Pseudônimo do individualista anarquista francês Ernest Lucien Juin. Nasceu em 26 de março de 1872, editou diversos periódicos, entre os quais: *L'ère nouvelle* (1901-1911), *Hors du troupeau* (1911), *Par-delà la mêlée* (1916), *L'en Dehors* (1922), e *L'unique* (1945). Morreu em 19 de fevereiro de 1963 aos 90 anos de idade.

pugnante a seu temperamento, é como estrangeiro que nela acampa. Quando consente ao meio as concessões indispensáveis — sempre tendo como segunda intenção retomá-las — para não arriscar ou sacrificar de maneira idiota ou inútil sua vida, é por considerá-las armas de defesa pessoal na luta pela existência. O anarquista quer viver sua vida, moral, intelectual, economicamente, preocupando-se o menos possível com o resto do mundo, exploradores ou explorados; sem querer dominar nem explorar o outro, mas pronto a reagir com todos os seus meios contra quem vier intervir em sua vida ou proibí-lo de expressar seu pensamento pela pluma ou fala.

O anarquista tem por inimigo o Estado e todas suas instituições que tendem a manter ou a perpetuar o domínio sobre o ser individual. Nenhuma possibilidade de conciliação entre o anarquista e uma forma qualquer de sociedade baseada na autoridade, quer ela emane de um autocrata, de uma aristocracia ou de uma democracia. Nenhum campo de entendimento entre o anarquista e qualquer meio regulamentado pelas decisões de uma maioria ou os desejos de uma elite. O anarquista combate da mesma forma o ensino fornecido pelo Estado e aquele dispensado pela Igreja. Ele é o adversário dos Monopólios e dos privilégios, sejam eles de ordem intelectual, moral ou econômica. Em suma, ele é o antagonista irreconciliável de qualquer regime, de qualquer sistema de vida social, de qualquer estado de coisas implicado na dominação do homem ou do meio sobre o indivíduo, e a exploração do indivíduo pelo homem ou o meio.

A obra do anarquista é acima de tudo uma obra de crítica. O anarquista vai semeando a revolta contra aquilo que oprime, entrava, opõe-se à livre expansão do ser individual. Ele deve se desvencilhar das mentes das idéias pré-concebidas, libertar os temperamentos aprisionados pelo medo, suscitar mentalidades livres da preocupação com

“o que vão dizer?” e com as convenções sociais; depois, o anarquista estimulará quem quiser seguir a seu lado a se rebelar praticamente contra o determinismo do meio social, a se afirmar individualmente, a esculpir sua estátua interior, a se tornar, tanto quanto possível, independente do ambiente moral, intelectual, econômico. Ele impulsionará o ignorante a se instruir, o passivo a reagir, o fraco a se fortalecer, o oprimido a se reerguer. Incitará os mal dotados e os menos capazes a extrair de si próprios todos os recursos possíveis e não a repousarem sobre um outro.

Um abismo separa o anarquismo do socialismo sob seus diferentes aspectos, inclusive o sindicalismo.

O anarquista coloca na base de todas suas concepções de vida: o fato individual. E é por isso que ele se denomina de bom grado anarquista-individualista.

Ele não acredita que os males dos quais os homens sofrem provêm exclusivamente do capitalismo ou da propriedade privada. Pensa que eles se devem sobretudo à mentalidade defeituosa dos homens, tomados em bloco. Os mestres só existem porque existem escravos, e deuses subsistem apenas porque os fiéis se ajoelham. O anarquista individualista desinteressa-se de uma revolução violenta que vise uma transformação do modo de distribuição dos produtos no sentido coletivista ou comunista, o que não traria muita mudança na mentalidade geral e não provocaria em nada a emancipação do ser individual. No regime comunista, este seria tão subordinado quanto atualmente aos caprichos do Meio: estaria tão pobre, tão miserável quanto agora; em vez de se curvar ao jugo da pequena minoria capitalista atual seria dominado pelo conjunto econômico. Nada lhe pertenceria propriamente. Seria um produtor, um consumidor, um contribuinte ou usuário do patrimônio comum, nunca um autônomo.

II

O anarquista-individualista se diferencia do anarquista comunista por considerar (excluindo-se a propriedade dos objetos de prazer que formam um prolongamento da personalidade) a propriedade do meio de produção e a livre disposição do produto como a garantia essencial da autonomia da pessoa. É evidente que essa propriedade se limita à possibilidade de fazer valer (individualmente, por casais, por agrupamento familiar, etc.) a extensão de solo ou o instrumental de produção indispensável às necessidades da unidade social; com a reserva, para o proprietário, de não fazer arrendamentos a outros e de não recorrer, para sua valorização, a ninguém a seu serviço.

O anarquista-individualista tampouco concorda em viver a qualquer preço como o individualista e como explorador, ou viver sob regulamentação, desde que seu prato de sopa esteja assegurado, a vestimenta acertada, a casa garantida.

O anarquista individualista, aliás, não clama por qualquer sistema que controlaria o futuro. Ele afirma situar-se em estado de legítima defesa em relação a qualquer ambiente social (Estado, sociedade, meio, agrupamento) que admitir, aceitar, perpetuar, sancionar ou tornar possível:

a) a subordinação ao meio do ser individual, o que o coloca em estado de inferioridade manifesta, já este que não consegue tratar o conjunto de igual para igual, de potência para potência.

b) a obrigação (em qualquer âmbito) da ajuda mútua, da solidariedade, da associação;

c) a privação da posse individual e inalienável do meio de produção e da disposição total e irrestrita do produto;

d) a exploração de quem quer que seja por seus semelhantes, que o faça trabalhar por sua conta e lucro;

e) o assenhoreamento, ou seja, a possibilidade para um indivíduo, um casal, um agrupamento familiar, de possuir mais do que for necessário para sua manutenção normal;

f) o monopólio do Estado ou de qualquer forma executiva que o substitua, ou seja, sua intervenção no papel centralizador, administrador, diretor, organizador, nas relações entre os indivíduos, independentemente do domínio em que isso ocorra;

g) os juros, a usura, o ágio, a especulação, a herança, etc., etc.

III

O anarquista-individualista faz “propaganda” para selecionar os temperamentos anarquistas-individualistas que se ignoram, para determinar pelo menos um ambiente intelectual favorável à sua eclosão. Entre anarquistas-individualistas as relações são estabelecidas na base da “reciprocidade”. A “camaradagem” é essencialmente de ordem individual, nunca imposta. É um “camarada” aquele cuja convivência lhe agrada individualmente, quem faz um esforço apreciável para se sentir viver, quem participa de sua propaganda de crítica educativa e de seleção das pessoas; quem respeita o modo de existência de cada um, não impedindo o desenvolvimento de quem caminha com ele ou daqueles que o tocam de mais perto.

O anarquista-individualista nunca é escravo de uma fórmula-tipo ou de um texto consagrado. Ele só aceita opiniões. Propõe apenas teses. Ele não se impõe um ponto de chegada. Caso adote um método de vida quanto a um ponto determinado, é para que este lhe garanta mais liberdade, mais felicidade, mais bem-estar, e não sacrifi-

os. E ele o modifica e transforma quando percebe que continuar sendo-lhe fiel diminuiria sua autonomia. Ele não quer deixar-se dominar por princípios estabelecidos *a priori*: é *a posteriori*, a partir das experiências, que funda sua regra de conduta, jamais definitiva, sempre sujeita às modificações e às transformações eventualmente sugeridas pelo registro de novas experiências, pela necessidade de aquisição de novas armas na sua luta contra o meio. Sem tampouco tornar o *a priori* um absoluto.

O anarquista-individualista só presta contas a si próprio de suas ações e gestos.

O anarquista-individualista não considera a associação senão como um expediente, um último recurso. Assim, ele só quer se associar em caso de urgência, mas sempre voluntariamente. E ele não deseja fazer contratos, em geral, senão a curto prazo, estando sempre subentendido que qualquer contrato pode ser rescindido caso prejudique um dos contratantes.

O anarquista-individualista não prescreve uma moral sexual determinada. Cabe a cada um determinar sua vida sexual ou afetiva ou sentimental, o que vale tanto para um quanto para o outro sexo. O essencial é que nas relações íntimas entre anarquistas de sexo diferente, não intervenha nem violência, nem coerção. Ele pensa que a independência econômica e a possibilidade de ser mãe por sua própria vontade são as condições iniciais para a emancipação da mulher.

O anarquista-individualista quer viver, quer poder apreciar a vida individualmente, a vida considerada em todas as suas manifestações. Mantendo-se, entretanto, mestre de sua vontade, considerando como servidores colocados à disposição de seu "eu" seus conhecimentos, suas capacidades, seus sentidos, os múltiplos órgãos de percepção de seu corpo. Ele não é um medroso, e não se

rebaixa. Sabe muito bem que quem se deixa conduzir por suas paixões ou dominar por suas tendências é um escravo. Ele quer conservar “o controle de si” para se lançar às aventuras em relação às quais lhe convêm a busca independente e o livre exame. Ele irá preconizar de bom grado uma vida simples, a renúncia às necessidades factuais, servis, inúteis; a evasão das grandes aglomerações humanas; uma alimentação racional e a higiene corporal.

O anarquista-individualista irá se interessar pelas associações formadas por certos camaradas visando se desprender da obsessão de um Meio pelo qual sente repugnância. A recusa do serviço militar e do pagamento de impostos terá toda sua simpatia; as uniões livres ou plurais a título de protesto contra a moral corrente; o ilegalismo enquanto ruptura violenta (e sob certas reservas) de um contrato econômico imposto pela força; a abstenção de qualquer ação, de qualquer labor, de qualquer função implicando na manutenção ou consolidação do regime intelectual, ético, ou econômico imposto; a troca de produtos de primeira necessidade entre anarquistas-individualistas possuindo instrumentos de produção necessários fora de qualquer intermediário capitalista, são atos de revolta que convêm essencialmente ao caráter do anarquismo-individualista.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹Ensaio escrito em 1911 e publicado em *Enciclopédia anarquista* (1925-1934), obra em quatro volumes dirigida por Sébastien Faure.

RESUMO

O anarquista individualista dimensiona a ética que interrompe a continuidade da autoridade, resulte ela do Estado, das relações econômicas ou de quaisquer associações fundadas na obrigação. O anarquismo individualista está eqüidistante da autocracia e da democracia, assim como do intervencionismo econômico, monopolista ou comunista. O ensaio descreve uma liberdade que é sempre invenção individual, portanto alheia aos finalismos revolucionários.

Palavras-chave: anarquista individualista, Estado, liberdade.

ABSTRACT

The individualist anarchist presents an ethics that discontinues the authority that comes from the state, from economic relations or from any kind of association based on obligation. The individualist anarchism is equidistant from autocracy and democracy, as well as from economic interventionism (monopolistic or communist). The essay describes liberty always as an individual invention, therefore not related to revolutionary finalisms.

Keyword: individualist anarchist, state, liberty.

Indicado para publicação em 14 de março de 2005.